

VIAJANDO EM OUTROS AMBIENTES: A PRODUÇÃO DA DRAG QUEEN NO AMBIENTE VIRTUAL**Alexsandro Rodrigues¹**
Lívia Rocha Helmer²**RESUMO**

Este artigo se propôs em dialogar com produções de duas *drag queens* na internet, sua elaboração aconteceu no não-último capítulo da dissertação intitulada *Quem vê close – Não vê corre: Porosidade de um corpo em viagens com Drag Queens*. A montagem da dissertação efetuou-se como viagem em se deslocar por eventos com protagonismos de *drag queens*. A viajante-pesquisadora habitou com seus amigos-viajantes paisagens desta aventura. Nos aventuramos em lugares como: boate Fluente, seminário Cultura Drag, peça teatral Le Circo de La Drag, Parada LGBTQ+ de Vila Velha, I Conferência de Políticas Afirmativas da UFES e Festival Lacração, os eventos aconteceram em Vitória e Vila Velha, cidades inseridas na Região Metropolitana, denominada Grande Vitória no Espírito Santo. A imprevisibilidade dos caminhos da viagem aconteceu por causa da pandemia, afastada de todas e todos os protagonistas desta viagem, a viajante continuou a aventura em isolamento social. Imersa nas redes sociais, a aventureira percebeu que duas *drag capixabas*, Mathilda e Cassandra Catu, começaram a ocupar e se reinventar no ambiente virtual. As produções de conteúdos no *Instagram* e no *YouTube* criaram outros possíveis diante da suspensão da convivência presencial. A viajante conversou com as duas *drag* sobre a ocupação delas na internet, as afetações produzidas na quarentena e a valorização cultural-artística da *drag queen*.

PALAVRAS – CHAVES: *Drag queen*; Internet; Viagem.

TRAVELING THROUGH OTHER SURROUNDINGS: THE DRAG QUEEN PRODUCTION IN A VIRTUAL ENVIRONMENT**ABSTRACT**

This article proposed to dialogue with productions of two queens drags on the internet, its elaboration happened in the non-last chapter of the dissertation entitled *Who sees close - Does not see runs: Porosity of a body in trips with Drag Queens*. The dissertation was assembled as a journey to travel through events with drag queens. We venture into places such as: Fluente Nightclub, Cultura Drag Seminar, Le Circo de La Drag play, Vila Velha LGBTQ+ Parade, 1st UFES Affirmative Policies Conference and Lacração Festival, the events took place in Vitória and Vila Velha, cities within the Metropolitan Region, called Grande Vitória in Espírito Santo. The unpredictability of the paths of the trip happened because of the pandemic, removed from all and all the protagonists of this trip, the traveler continued the adventure in social isolation. Immersed in social networks, the adventurer realized that two Espírito Santo drags, Mathilda and Cassandra

1 Professor do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenador do Núcleo de Estudos de Pesquisa em Sexualidade (NEPS/UFES).

2 Mestranda em Psicologia Institucional da Universidade do Espírito Santo – UFES.

Catu, started to occupy and reinvent themselves in the virtual environment. The production of content on Instagram and YouTube created other possible ones due to the suspension of face-to-face living. The traveler talked to the two drags about their occupation on the internet, the effects produced in the quarantine and the cultural and artistic valorization of the drag queen.

KEY-WORDS: Drag queen; Internet; Trip.

PARTIMOS...

A viagem foi produzida nos encontros da viajante e dos amigos-viajantes com *drags queens* que protagonizaram eventos realizados em Vitória e Vila Velha no Espírito Santo. Os deslocamentos da aventura foram possíveis através das políticas de amizades criadas nos regimes de afetos dos viajantes. Inspirações, encontros e caminhos do pensar a presença *drag* em uma vida é o que faz movimentar esta escrita. Uma viagem nunca se faz sozinha! A escrita desse artigo faz confluír temporalidades e presenças que recusam o marco zero. Confluências e bifurcações nos permite caminhar numa escrita que busca narrar as afetações de uma vida com cenas *drags*. E por não escrever sozinha, precisamos aqui afirmar que é também uma escrita permeada de memórias do encontro dos autores com os processos pesquisas. Por isso e justificando uma escrita que se faz do “eu” e do “nós”, precisamos aqui afirmar que o artigo em tela, traz marcas do processo de pesquisa de mestrado intitulada “*Quem vê close – Não vê corre: Porosidade de um corpo em viagens com Drag Queens*”. Nessa Dissertação, é possível saber que uma das inspirações dessa viagem se faz acontecer em um tempo que antecede a pesquisa de mestrado. A viajante que segue os fluxos dessa viagem, em processos aprendentes teve como inspiração uma colega *drag* que convocou o corpo da aventureira em se deslocar nos debates sobre gênero, sexo, sexualidade, corpo e ativismos.

A viagem aconteceu processual e atemporal e se organizou por translados. Nesses translados seguimos rastros teóricos e metodológicos, fizemos paradas, sempre que necessário e produzimos marcas de nossas impressões em diário de campo. Essa viagem-dissertação foi possível em aventuras por lugares como: camarins, boate, seminários, teatro, Parada LGBTQ+ e festivais. Durante esses descolamentos nos atentamos aos processos de subjetivação de *drag queens* que violentaram nossos pensamentos e nos convidaram a fabricar outros corpos. A aventura nos fez perceber a

potência artística na *drag* em performar paródias de gênero, sátiras políticas, dubiedades nas normas, na justa medida em que afirmam suas singularidades. As singularidades das *drags* são produzidas na dimensão transbordante, artística e na política do desejo. Em singularidades feito arte, as *drags* que conosco compõem as cenas da viagem, afirmam um modo de vida e as artificialidades e plasticidades dos corpos.

Dispomo-nos, na pesquisa de mestrado que dispara a escritura desse artigo, em viajar por translados conversando com *drags queens*, num entrecruzamento de conversas bonitas, tecidas com viajantes-pesquisadores-autores e amigos-viajantes, pessoas que contribuíram e possibilitaram discussões, análises e afetações. Nessas conversas abertas a acontecimentos de pesquisa com as *drags* que se fizeram viajantes, nos fabricamos em cada traslado com as mutações das paisagens, das pessoas, das conversações, dos afetos, das memórias. Construímos com essas companhias, modos de existências que nos fizeram/fazem atentos e abertos aos acontecimentos que nos proporcionaram/proporcionam viver a multiplicidade em encontros com o outro. Esta viagem foi possível com as afetações, muitas delas não se é possível escrever, porque como brisa fresca, só nos deixa o sabor das sensações. Os translados desta viagem, pesquisa de mestrado, foram construídos com leituras, olhares, escutas, tateios, atenções na porosidade com corpos que criavam produções desejantes de experimentar a arte, a plasticidade, a paródia, o deboche, a política. Tornamos-nos aprendizes-viajantes-cartógrafos atentos aos processos de subjetivação das *drags* dialogando com os afetos produzidos em encontros com elas.

COM AS DRAGS, CHEGAR É PARTIDA

Nos encontros com as *drag queens* e com os amigos-viajantes, percebemos narrativas que buscam pensar e desejar a constituição da *drag*, como: outra identidade, outra personalidade ou personagem. Entretanto, pontuamos, atravessados que estamos pela pluralidade de modos de existir e se fazer *drag*, que nenhuma dessas tentativas de fazer da *drag* alguma coisa/identidade/personagem/personalidade, é capaz de expressar e de dar conta da multiplicidade dos modos de existir-fazer *drag queen*. Como uma constituição híbrida, a *drag* se apropria e expropria das forças de criação que pedem passagem em seus corpos para experimentarem outros territórios e afetos. Em nossos

caminhos, (des)territorializando naturalizações sobre o tornar-se, fazer-se *drag*, em atos, nos deparamos e discutimos a potência artística, cultural e política da constituição da *drag queen* e este fazer como possibilidade e potência de singularização de suas existências e nossas. Ninguém sai o mesmo de uma viagem com a força da presença de uma *drag*.

Perfazendo e refazendo os caminhos desta viagem, percebemos que a potência inventiva *drag*, sempre quando podem e podem sempre, zomba da naturalização e da imutabilidade do desejo. Nos encontros com as *drags*, essas que se permitiram conosco tornar-se viagens, fomos impelidos a problematizar como o dispositivo da sexualidade e o sistema sexo-gênero nos incita e controla. Inscritos nesse sistema sexo-gênero, com suas lógicas binárias e normativas, fomos convocados com as presenças *drags* que compõem as paisagens dessa pesquisa para outros sentidos que a vida assume na afirmação política como diferença em criar irrupções nas reiterações destas categorias de gênero e sexualidade. As *drags* produzem irrupções quando se fabricam pelo meio e transitando entre as categorias de gênero. Do gênero não abrem mão, e é por isso, que zombando, escacaram sua artificialidade. Este trânsito produzido por elas, abrindo fendas no sistema sexo-gênero, explicita o falso entendimento de que exista essência e naturalidade nas categorias masculino e feminino. De modos parodísticos as *drags* evidenciam em práticas de experimentação com o corpo e a arte, a ilusão de que o gênero tenha origem e/ou núcleo. Com suas práticas arteiras, as *drags*, nos faz aproximar da companheira de viagem, Judith Butler, quando nos diz que “a proliferação parodística priva a cultura hegemônica e seus críticos da reivindicação de identidades de gênero naturalizadas e essencializadas” (2003, p. 234). As produções das *drags* além de irromperem o gênero desnaturalizando-o, criam fissuras na sexualidade, no sexo. Com elas estamos aprendendo que existem modos de reprogramar as normas sociais, que podemos produzir experimentações-transitórias que nos permitem montar e desmontar nossas existências.

Em nossos deslocamentos, transladando, uma amiga-viajante-drag nos mostrou que através da arte as *drags* podem problematizar construções políticas, estéticas, sociais, históricas constituindo-se como ativista nos espaços que habita. Esta amiga-viajante-drag convoca as *drags* em se fabricarem como exercício ético e político na

participação de movimentos que buscam o fim da opressão, desigualdade e violência contra pessoas que são marginalizadas por gênero, raça e classe. Judith Butler (2018) nessa viagem conosco, mais uma vez, nos ajuda a entender que as normas sociais não são exclusivamente impressas em nossos corpos, as normas também “informam os modos vividos de corporificação que adquirimos com o tempo, e esses modos de corporificação podem se provar formas de contestar essas normas, até mesmo rompê-las” (BUTLER, 2018, p. 37). As *drags*, nos ensinam nessa pesquisa, pesquisa feito-viagem, que podemos romper e criar fissuras das normas de gênero e sexualidade através da música, dança, atuação, montagens entre outros modos possíveis que contestam as normativas que perpassam nossos corpos.

PELOS PALCOS

Em uma de nossas paradas, fomos convidados a assistir o ativismo *drag* nos palcos. Nessa parada, num imponente teatro da cidade de Vitória/ES, pudemos presenciar *drags-atrizes* se fabricando em palco, valendo-se das paisagens de dor e de horror anunciadas na política brasileira. Em ato, parodiavam situações sociais e históricas, que ofereciam o enredo para fazer a denúncia das estruturas machistas, sexistas, misóginas, homofóbicas e racistas perpetuadas e perpetradas em nossos cotidianos. As experimentações artísticas das *drags-atrizes* em um palco nos possibilitaram pensar em outros sentidos para o Brasil e nos instigaram a desejar possíveis com a arte. No meio de vociferações odiosas e nervosas no mês das eleições presidenciais, a peça aconteceu como um respiro através da alegria. Aquela peça, materializava através da arte e do ativismo, o que Michel Foucault (1977), já nos ensinou como alerta, sobre o fato de que não é precisamos sermos tristes para sermos militantes, *mesmo se o que se combate é abominável*. Sobre ativismo, Julia Ruiz Di Giovanni (2015), nos diz que o termo propõe um foco de análise dirigido às sobreposições e intersecções entre experiência política e experiência estética. Mas não só isso! Nos rastros dessa viajante e em suas pesquisas por melhor compreender essa categoria analítica, ativismo, podemos saber que este,

[...] marca um interesse, político e teórico, em formas de ação coletiva cujo efeito e possíveis interpretações não se esgotam na taxonomia da provável orientação ideológica dos participantes, nem na possível funcionalidade que

possam cumprir nos jogos político-eleitorais e midiáticos das democracias representativas, cuja explicação não termina na identificação dos fatores contextuais, históricos ou socioeconômicos que fomentaram sua erupção. Por um lado trata-se de formas histórica e simbolicamente associadas ao ativismo, ao protesto, a irrupção de processos coletivos de auto-organização, denúncia e reivindicação de direitos, acirrados em momentos de crise econômica e social, que mesmo quando relativamente autônomos em relação às estruturas organizativas e instituições precedentes (partidos, sindicatos, movimentos setoriais), mobilizam recursos e repertórios próprios do campo de relações que nos acostumamos a chamar de política. Ao mesmo tempo, trata-se de experiências coletivas mal contidas pelas fronteiras convencionais da política em sentido estrito, formas de dissenso e reivindicação que mais se aproximam à dimensão cotidiana dos “modos de vida” e “contraculturas” do que das estruturas programáticas e ideológicas que o senso comum atribui aos movimentos sociais. Ao mesmo tempo em que habitam o universo da ação e da organização política, trata-se de modos de intervenção notavelmente ligados a práticas experimentais próprias dos mundos da arte ou, em muitos casos, explícita ou implicitamente informadas pela história do deslizamento das práticas artísticas para fora do campo de autonomia que define a arte moderna, ao encontro de outras dimensões da vida social. (GIOVANNI, 2015, p.14)

Naquele palco, criando sobreposições de cenas e fatos, política, ativismo e arte, heterotopicamente se encontravam anunciando possíveis. Marcelo Trói e Leandro Colling viajantes que também se aventuram no teatro e na aposta política do ativismo das dissidências com o corpo, gênero e sexualidade, nos convocam a sermos “verdadeiros brigadistas e defensores das expressões dissidentes, abjetas, não normatizadoras, sempre procurando garantir que elas possam ser mostradas, como condição de contribuir para a desprogramação desse inconsciente colonial e para assimilação de novas práticas” (2017, p. 143). Os modos de vidas *drags*, também são feitos em palcos. Palqueiras que são, por ali, debochadamente riem e zombam de um modo de gestão, via política governamental e de governo. Por ali, nos provocam a pensar, problematizar e a desejar outras coisas fora da programação colonial e beligeirante do capitalismo.

FEITO CAMARIM

Os modos de existências *drags* são produzidos nas trocas e aprendizagens construídas em seus caminhos. Os caminhos de uma *drag* é, em sua precariedade, potência camarim. Nesses caminhos, qualquer lugar, ainda que fora do lugar, pode virar, pelo tempo que se fizer necessário, um camarim. O “camarim”, na maioria das vezes, são fabricados como acontecimento na emergência da feitura *drag*. Eles, os camarins

não precisam existir na arquitetura do local! Se fazem corpos, quem dirá camarins! Em um de nossos deslocamentos de pesquisa, tivemos o privilégio de acompanharmos *drags* em um “camarim” nada convencional. Neste espaço-tempo-acontecimento foram criadas relações de trocas entre elas e amigos que se fizeram presentes. Por ali, naquele espaço inventado na necessidade, compartilharam histórias, ajustes de maquiagem e pensamentos sobre a apresentação. Esse espaço-tempo-camarim criado na emergência de um acontecimento possibilitou aprendizagens e processos formativos de *drags* que se dispuseram em compartilhar suas maquiagens, seus truques, seus desejos, suas dicas entre outras formações que produziram coletividade naqueles processos de montagem. As aprendizagens produzidas no “camarim” nos aproximam das discussões do viajante Silvo Gallo sobre a importância dos afetos na aprendizagem. Este viajante, que muito nos ajuda em nossos modos de pensar aprendizagens, compreende que o apreender exige “entrar em contato, em sintonia com os signos é relacionar-se, deixar-se afetar por eles, na mesma medida em que os afeta e produz outras afecções” (GALLO, 2012, p. 6). Nesta viagem, feito viagem, camarim, estamos transmutando afecções aprendentes com a força-*drag*.

Em pesquisa, estamos compreendendo com a força-*drag*, que o transmutar de aprendizagens acontece na expansão de potências inventivas, possibilitando passagens dos fluxos de criação que alteram a organização de nosso corpo e modos de compreender o mundo e o que podemos com o mundo. Transbordando afecções com o mundo e com a força-*drag*, aprendemos em camarim e camarim pode ser qualquer lugar, com uma amiga-viajante que sua produção *drag* acontece em transbordamentos e exageros de si. Seus processos de singularização, como bem nos disse, fazem vazar dicotomias, exageram os modelos e se fazem resistentes as capturas neoliberais colonizadoras. Nessa perspectiva que em si, faz transbordar e exagerar, nos singularizamos resistindo ao sistema colonial-capitalista. É com ele e por dentro dele que utilizamos das capturas e anestésias deste regime colonizador para criarmos ficções políticas-estéticas que ludibriam as tentativas de adensamento das diferenças. Suely Rolnik (1995), companheira de viagens, cartografando diferenças diz,

As diferenças às quais me refiro não tem um sentido identitário, estabelecido a partir da perspectiva da representação – as supostas

características específicas de cada indivíduo ou grupo, que os distinguiriam de todos os outros. Ao contrário, refiro-me às diferenças no sentido daquilo que justamente vem abalar as identidades, estas calcificações de figuras, opondo-se à eternidade. O inatural, o intempestivo. Diferenças que fazem diferença. (ROLNIK, 1955, p. 97)

Os processos de singularização nas *drags* produzem diferenças quando zombam das identidades, imitam categorias reguladoras do corpo, denunciam opressões, (re)configuram os modos de habitar os espaços e fazem vazar as simulações que criamos em nossos corpos. Com as *drags* desta pesquisa, nos permitimos produzir diferenças viajando sem rotas programadas, aventurando em territórios existenciais que foram possíveis através dos diálogos, espaços, toques, olhares, escutas e escritas. Esta aventura com as *drags* foi possível por intermédio das políticas de amizades que foram criadas durante a produção da dissertação. Michel Foucault, sobre identidade vai dizer que em seu uso, ‘devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa’ (2014, p. 262).

OS DESCOLAMENTOS INESPERADOS QUE IMPACTARAM O MUNDO

Esta viagem aconteceu por intermédio das participações da viajante e dos amigos-viajantes em habitar espaços que tivessem *drag queens* como protagonistas, frequentamos boates, parada LGBTQ+, teatro e festivais artísticos. A aventura também aconteceu com participações em seminário, lançamento de livro, grupos de estudos e orientações coletivas. Os contextos desta viagem envolviam muitas pessoas, lugares, toques e olhares, entretanto, o final desta aventura foi descolado para contatos por videochamadas, ligações telefônicas, mensagens no *whatsapp* e *e-mails*. Os últimos três meses desta viagem ocorreram sem contato físico da viajante com o seu orientador, colegas de mestrado, amigos-viajantes e *drag queens*.

Os descolamentos inesperados no final desta viagem aconteceram após a Organização Mundial de Saúde – OMS, no dia 15 de Março de 2020, decretar pandemia mundial devido ao coronavírus tipificado como SARS-CoV-2. A pandemia fez com que mais da metade da população mundial entrassem em quarentena com fechamento de escolas, museus, lojas, teatros entre outros lugares que envolvem aglomerações de pessoas. A contaminação do vírus teve início em Dezembro de 2019 na China e até

Junho de 2020³ contabilizam 8.802.328 pessoas contaminadas e 464.620 pessoas mortas por coronavírus. A pandemia alterou todas as relações sociais existentes do mundo e o isolamento social se tornou o método mais eficaz para diminuição do contágio. As pessoas isoladas em suas casas se encontraram cada vez mais precárias e vulneráveis, podendo ter no máximo alguns familiares por perto, caso eles não fossem do grupo de risco⁴.

Neste momento de pandemia as pessoas, pelo menos as que gozam de alguns privilégios, começaram a consumir mais a arte e a cultura, pois os maiores refúgios na quarentena são: assistir filmes, séries, peças teatrais, apresentações musicais entre outras. Os artistas que tiveram suas atividades suspensas devido ao coronavírus começaram a realizar shows ao vivo em redes sociais para conseguirem se sustentar e para receberem doações destinadas a pessoas em maior situação de vulnerabilidade social devido a pandemia. As *drag queens* são artistas que participam majoritariamente em casas de shows, festas de casamento, aniversários, teatros, festivais, desfiles entre outros eventos que estão suspensos e sem data para retornar.

A viajante utilizou de todos os recursos virtuais para continuar “próxima” das *drag queens* e dos amigos-viajantes. O *Instagram*⁵ se tornou uma rede social que tornava mais próximo o contato da viajante com as *drag queens* e foi através desta rede social que a aventureira conheceu Mathilda e Cassandra Catu que estão utilizando as redes sociais para produzirem conteúdos digitais e divulgarem seus trabalhos. Este período de isolamento social convocou os corpos destas duas *drags queens* a viver e experimentar aventuras no meio virtual, apostando em atividades ainda não experimentadas por elas. A viajante se propôs em dialogar com elas para conversar sobre os deslocamentos provocados pela pandemia e como seus corpos estão sendo convocados a experimentar o ambiente virtual.

3 Dados compilados no dia 21 de Junho de 2020.

4 O conceito de grupo de risco está sendo alterado diversas vezes, anteriormente pessoas idosas, crianças e pessoas com comorbidades pertenciam ao grupo de risco, entretanto, as mortes estão atingindo idades diferentes, pessoas sem comorbidades entre outros aspectos. Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/05/mais-da-metade-dos-adultos-esta-no-grupo-de-risco-da-covid-19-no-brasil.html>. Acesso em: 11 de Maio de 2020.

5 Rede social de compartilhamento de fotos e vídeos.

A amiga-viajante Mathilda decidiu criar o Quarentena in Drag no *Instagram* e começou a postar fotos de montagens diariamente. As montagens variam de tema e cada postagem do Quarentena in Drag possuem quatro fotos das produções. A legenda das postagens diz como a pandemia transformou a constituição de Mathilda e comenta sobre a ansiedade e vulnerabilidade deste momento no isolamento social. A amiga-viajante também apresenta que ficava limitada com os materiais que tinha em casa e com isso percebeu que estar em casa permitiu outras invenções de montagens e substituições de elementos das montagens.



Figura 1: Captura de tela do *Instagram* da @justmathilda no dia 03 de Junho de 2020

A viajante se pôs em conversa com a amiga-viajante Mathilda dialogando em como o isolamento social a convidou/convocou a criar outras montagens, experimentar com mais constância as interações sociais através do ambiente virtual e de como ela mudou a perspectiva da valorização financeira de sua produção. Mathilda viu sua vida social mudar muito, pois estava familiarizada em participar de festas todos os finais de semana e começou a pensar em como poderia cuidar da sua saúde mental durante a quarentena.

Quando descobri que ficaríamos isolados, não imaginei que fosse por tanto tempo. Comecei a ficar preocupado por ficar sem trabalhar, pois em paralelo em fazer *drag*, também sou produtor de eventos. Comecei a pensar no que

poderia fazer para cuidar da minha saúde mental. (DIÁRIO DE CAMPO, 04/06/2020)

A amiga-viajante decidiu criar as montações para divulgá-las em sua conta de *Instagram*. Esta rede social é amplamente utilizada e difundida em nossos cotidianos. Devido a pandemia a plataforma começou a ser utilizada para produção em grande escala de transmissões ao vivo com finalidades diversas, seja para entretenimento ou estudos. Para os pesquisadores-viajantes Paula e Garcia (2014):

O Instagram, portanto, pode ser compreendido como metáfora da sociedade contemporânea e das (re)inscrições promovidas pela tecnologia. São referências da cultura digital – inacabada, efêmera, deslizante, multidimensional provisória e parcial – a serem observadas pelas práticas de inserção e atualização de conteúdo do usuário-interator, no Instagram (PAULA e GARCIA, 2014, p. 8)

As características da cultura digital como deslizante e multidimensional se aproximam da fluidez e plasticidade das produções construídas pelas *drags*. As postagens nesta rede social acontecem de modo volátil e instantâneo. As *drags* no *Instagram* habitam um território com análises combinatórias de gostos, desejos e sonhos. Estas análises são trabalhadas por robôs e pessoas que produzem ficções cyberestéticas que (de)formam os modos de existência. O processo de se montar para fotografar se tornou um modo da Mathilda de cuidar de sua saúde mental, reinventar montações e de também se abrir mais com as pessoas em suas redes sociais.

Posto as fotos com um textinho e inclui meu *Picpay*⁶ para quem quiser contribuir. Tive a ideia de colocar o nome do *Picpay* porque minha maquiagem estava acabando e estava gastando muito. Não imaginava que teria uma proporção tão positiva. A Gazeta entrou em contato comigo para fazer uma matéria e tem várias pessoas elogiando e compartilhando o Quarentena in Drag no *Instagram*. As fotos são as mais curtidas do meu perfil e ganhei muitos seguidores. No começo eu não estava preocupada em fazer uma iluminação maravilhosa, com fundo e conceito. Quando me propôs a produzir as montações, pensei que iria me montar várias vezes, juntar com algumas coisas que gosto e ver no que poderia dar (DIÁRIO DE CAMPO, 04/06/2020)

Mathilda se aventurou nas postagens das montações sem esperar tanto interesse do público no seu projeto, ela ficou surpresa em perceber muitas interações em seu

6 O *PicPay* é um aplicativo capixaba disponível para obter em celular Android e iPhone que funciona como uma carteira digital. Fonte: <<https://www.picpay.com/site>>. Acesso em: 18 de Setembro de 2020.

perfil, com o aumento de seguidores, comentários e curtidas. A amiga-drag só inseriu o *Picpay* quando percebeu o gasto excessivo nas produções e após inserir sua conta as pessoas começaram a contribuir em quantias que ela não esperava, fazendo-a com que repensasse o valor financeiro de suas montações. Em algumas paradas desta viagem, discutimos a importância de criar perspectivas que valorizem a remuneração das produções das *drag queens* e a Quarentena in Drag foi um modo da amiga-viajante percebe a importância do retorno financeiro de suas produções.

A aventureira conversou com a amiga-viajante sobre como ela percebia as diferenças do convívio presencial nas festas e das interações no ambiente virtual. A quarentena nos descolou a enxergar as pessoas apenas através de telas de celulares, notebook entre outros aparelhos. Mathilda estava acostumada em participar de aglomerações das pessoas em lugares movimentados permeados por olhares e toques. A pandemia maximizou sua vulnerabilidade e ao mostrar-se vulnerável nas redes sociais convocou as pessoas a se abrirem com ela e compartilharem suas histórias.

Antes da pandemia era uma contato mais físico, como eu estava todo final de semana em uma festa, as pessoas falavam comigo pessoalmente, me contavam muitas histórias e diziam se inspirar em mim. Antes também tinha um bloqueio, muita gente tinha medo de *drag*, por causa do carão⁷. Em quarentena percebi que as pessoas falam muito mais pela internet. Elas conseguem se abrir com mais facilidade por não estarem conversando presencialmente. Recentemente realizei uma *live*⁸ e conversei sobre ansiedade, percebo que quando nos mostramos vulneráveis acabamos aproximando mais as pessoas. Algumas pessoas que não tinham coragem de falar comigo agora conseguem falar. Me sinto muito amado diversas vezes, hoje muito mais. (DIÁRIO DE CAMPO, 04/06/2020)

A amiga-viajante apresenta que antes do isolamento social, participava constantemente da vida noturna, ou seja, sempre estava no meio de muitas pessoas. Esse convívio nas boates lhe proporcionava um contato mais próximo das pessoas que também frequentavam essas festas. Ela comenta que muita gente tinha medo de *drag*, por causa do carão, mas depois de dois minutos de conversa, as pessoas acabam desconstruindo esse medo. Com a situação de pandemia, Mathilda percebeu que as pessoas começaram a se aproximar e se abriram mais no ambiente virtual. Depois de realizar uma *live* em seu *Instagram*, onde contou de sua vulnerabilidade diante dos

7 O termo significa fazer pose de séria ou pode ser entendido como deboche.

8 Transmissão ao vivo em ambiente virtual.

momentos advindo da quarentena, ela compreendeu que quando se mostrou vulnerável as pessoas começaram a se aproximar mais dela. Sobre vulnerabilidade Judith Butler (2018), quando compartilhada pode convocar atenção no mundo e práticas de solidariedades, quando nos atentamos de forma afetiva política, “precisamente quando a precariedade é diferencialmente distribuída” (BUTLER, 2018, p. 106). Com esta afirmação de Butler (2018) começamos a compreender que as condições de vulnerabilidade compartilhadas em um plano comum, como é o caso do distanciamento social causado pela pandemia nos faz perceber nossas atuações nas relações sociais, na esfera política, das condições econômicas entre outras. A pandemia evidenciou que a precariedade é maximizada em alguns corpos, como negros, LGBTQ+, mulheres entre outras populações que estão sofrendo mais os impactos da situação de calamidade pública.

OCUPANDO OUTROS AMBIENTES: PRODUÇÕES DA DRAG NA CRIAÇÃO DE CONTEÚDO DIGITAL

A viajante se pôs em dialogar com a amiga-viajante Cassandra Catu. A quarentena convidou seu corpo a criar um canal no *YouTube*⁹. A amiga-viajante começou a produzir conteúdo digital para postar em seu canal, possibilitando que pessoas do mundo todo possam conhecê-la, divulgar o seu trabalho e estabelecer outros tipos de interações dentro do ambiente virtual.

Decidi nessa quarentena fazer um canal no *YouTube* por que percebi que estava sem espaço. Eu e todas as *drags* nos encontramos sem espaço devido a pandemia. Penso que fui a primeira *drag* no ES a criar um canal no *YouTube*. Considero interessante que na arte *drag* a *drag* pode se descolar para qualquer lado. Os movimentos artísticos e a criatividade de cada pessoa é infinita, possibilita ir para onde ela quiser, desde a sua capacidade de impactar ou de mandar uma mensagem através de uma maquiagem, de performar ou de quebrar qualquer paradigma. Acabei percebendo que algo que queria abordar mais com a minha *drag* era a minha mensagem. Percebi que fazer fotos bonitas para postar na internet, produzir uma montagem ou realizar algum protesto com maquiagem, não eram o modo que queria lidar com esse novo ambiente virtual que me encontrei obrigada a acessar (DIÁRIO DE CAMPO, 04/06/2020)

9 Rede social de compartilhamento de vídeos.

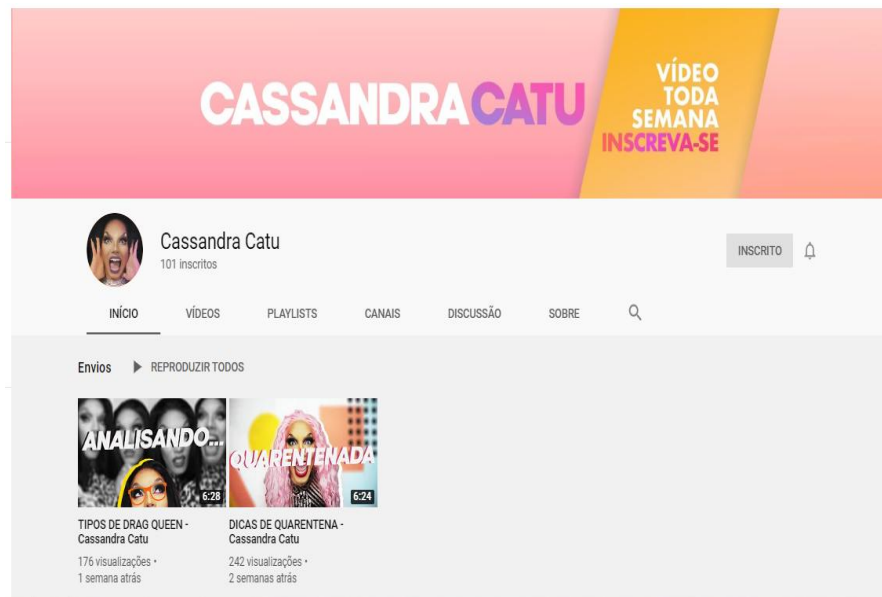


Figura 2: Captura de Tela da página da Cassandra Catu no *YouTube*.

A quarentena alterou o espaço que a *drag* habitava com mais familiaridade que eram suas participações nas festas. A suspensão das festividades trouxe uma sensação de perda de espaço e com isso a amiga-drag se sentiu obrigada em acessar o ambiente virtual. Na criação do canal no *YouTube* Cassandra criou canais de efetuação para as intensidades que foram criadas com o surgimento da pandemia. Suely Rolnik (2007), pensando sobre a força da arte em nossas vidas, nos convida a praticar:

Artísticas a serviço da reconexão com a realidade viva do intensivo, condutoras de processo, produtoras de acontecimento, ou melhor acontecimento elas mesmas. Arte como servidora das forças que pedem para ganhar forma no mundo, processo de criação em conexão on-line com o movimento vital (ROLNIK, 2007, p. 10)

A amiga-viajante percebe que a arte *drag* pode de deslocar para qualquer lugar e ela se encontrou impelida em criar outros espaços no meio virtual, para continuar suas artistagens como *drag*. A viajante conversou com Cassandra sobre as diferenças das interações presenciais nas boates para as relações no ambiente virtual.

A primeira diferença é quando você está dentro da boate, vivenciamos uma reação imediata, você enxerga as pessoas e percebe suas reações. Na internet, posso publicar um vídeo hoje e pode ficar três dias sem ninguém assistir, fico

sem saber a reação de algumas pessoas imediatamente. Ao mesmo tempo a internet tem a vantagem de ser um conteúdo que fica registrado, uma presença que passaria por uma boate, que seria rápida e momentânea acaba se eternizando na internet, o vídeo que publiquei há duas semanas está lá até hoje. Só que ao mesmo tempo as pessoas só conseguem acessar meus vídeos porque procuram ou recebem o conteúdo pelos amigos que já me conhecem. Na boate é diferente, quando falo em boate é porque a *drag* está preferencialmente na vida noturna. Quando estamos em boate as pessoas nem sempre esperam ver *drags*, acabo tendo contato com gente que não buscaria o meu conteúdo. Na boate você vê as pessoas que se encantam ou possuem algum estranhamento, percebe as reações de pessoas que não esperam ter uma *drag* naquele espaço (DIÁRIO DE CAMPO, 04/06/2020).

A amiga-drag nos apresenta as diferenças das relações que são criadas em momentos presenciais e em momentos online. Ela nos diz que na boate consegue perceber a reação imediata das pessoas, não precisa esperar um retorno mais tardio como no ambiente virtual. Outra diferença pontuada por Cassandra é que nas festas ela consegue ter contato com algumas pessoas que não esperam a presença dela naquele lugar, o inesperado das pessoas cria outros tipos de relações com ela. A internet funciona como um filtro de acordo com seus acessos online. O ambiente virtual seleciona assuntos com base nos seus interesses, com isso, processos intempestivos são mais incomuns de acontecer.

De acordo com o pesquisador-viajante, Bressan (2007) o *YouTube* é um modo de intervir nas construções sociais aos quais somos produtos e produção, para o pesquisador-viajante o *YouTube* “é um espaço que potencializa a criação, difusão e compartilhamento de vídeos (não-oficiais, sobretudo), os quais tratam de assuntos e ideologias diversas, fazendo com que outros meios, principalmente os ‘legais’, percam em audiência”. A abrangência das produções de conteúdos no *YouTube* proporciona intervenções imensuráveis, mesmo com as compilações dos dados com a utilização da plataforma, a utilização *YouTube* fabricam molecularidades que ficionam outros corpos.

QUEM VÊ CLOSE, NÃO VÊ CORRE

Encaminhamo-nos neste momento para as não últimas discussões desta viagem. Nos foi possível montar corpos, imaginar paisagens, inventar caminhos e perceber como podemos fabricar experimentações artísticas, éticas e políticas. A viajante se propõe em não terminar esta viagem discutindo a valorização da *drag queen*, principalmente sobre

a ausência da dimensão financeira das produções das *drags*. A viajante conversou com Mathilda e Cassandra sobre como elas percebiam a valorização da *drag*

Existe uma parte das pessoas que tem noção igual você falou de que a produção exige muito trabalho, um investimento e requer habilidades de expressão artística. Mas tem muita gente que acha que é brincadeira, que você está só passando uma coisa na cara, usando uma peruca e isso também custa dinheiro, muita gente não tem essa noção. Tanto é que muitas pessoas que contribuíram são meus amigos, pessoas bem próximas.. Tem aquele ditado quem vê close, não vê corre. Tem muita diferença entre as pessoas que conseguem enxergar o trabalho e o custo da produção e muitas outras pessoas que não conseguem enxergar este processo. Isso é um problema, porque a gente fica marginalizada, não sei se marginalizada é a palavra certa, mas desvalorizada. Os cachês das festas não pagam necessariamente o que precisariam pagar, as vezes os cachês só cobrem o gasto com o deslocamento (DIÁRIO DE CAMPO, 04/06/2020).

A amiga-viajante Mathilda nos diz que as pessoas que conseguem entender o processo artístico e o custo alto nas produções são amigos próximos ou que tem contato direto com elas por outros tipos de relações. Mathilda apresenta que ter pessoas que não reconhecem as habilidades artísticas, custos com a compra de materiais, valores para se deslocarem entre outros gastos caracteriza-se como um problema porque produz desvalorização nas produções das *drags*. Precisamos ponderar a importância do reconhecimento do exercício artesanal da construção das *drags*, que gastam em média três horas para ficar produzida e com as despesas financeiras para fabricarem suas montações. A amiga-viajante Cassandra considera que existe uma valorização da *drag* por parte do público quando ela percebe que muitas pessoas fazem campanhas e votam em concursos de *drags* nas redes sociais. Cassandra corrobora com os argumentos de Mathilda em perceber a falta de valorização financeira nos lugares que participa.

Percebo que o público dá um valor, muitas *drags* daqui participaram de concursos virtuais, onde elas pedem votação e o público fornece apoio e valorização. Na questão comercial não existe uma valorização tão grande assim. Sempre fiz presença para o Antimofo¹⁰ e noto que os eventos particulares acabam pagando mais que as boates. A boate como espaço de visibilidade ela é interessante porque tenho contato com muita gente. As pessoas que frequentam as boates vão conhecer o meu trabalho, perceber minha presença ali. Só que considero a remuneração muito a baixo tendo em vista os gastos que temos com as produções e também considerando o esforço feito para alcançar o resultado final. Já fiz presenças em outras festas

¹⁰ Produtora cultural da Grande Vitória.

também, mas tudo no mesmo preço, no mesmo valor. Inclusive, esse é um dos motivos de ir para o virtual, que a gente não é tão valorizada a ponto de conseguir pagar o trabalho com a produção (DIÁRIO DE CAMPO, 04/06/2020).

A amiga-viajante percebe que as pessoas votam nas *drags* para ganharem concursos virtuais, ou seja, pondera que a valorização da *drag queen* acontece pelas redes sociais. Cassandra também apresenta que a questão comercial é muito baixa em relação ao gasto financeiro e considerando o processo artesanal da produção. Essa desvalorização desloca a *drag* em habitar o ambiente virtual por ser um espaço com menos gastos e que pode alcançar mais pessoas. A questão que colocamos aqui não é de qualificar se o ambiente presencial é melhor ou pior que o ambiente virtual. Nos debruçamos em entender em como cada espaço exige custos financeiros diferentes, produções que se relacionam com a demanda da participação presencial ou virtual da *drag* entre outros elementos que perpassam a sua fabricação.

Ponderamos que a valorização acontece através do conhecimento dos processos que envolvem a montagem, os trabalhos das *drags* em produzirem performances, espetáculos, eventos entre outras atividades. Seja de modo presencial ou virtual as *drags* estão se (re)inventando com as intensidades que atravessam suas existências, montando corpos e coreografias, experimentando maquiagens e roupas e impactando as pessoas por onde passa.

REFERÊNCIAS

BRESSAN, Renato T. YouTube: intervenções e ativismos. In: **Anais do XII Congresso da Comunicação na Região Sudeste/ V Encontro Regional de Comunicação**. Juiz de Fora. 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Políticas das Ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. Sexo, Poder e Política da Identidade. In: _____. MOTTA, Manoel Barros da (Org). **Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Interfaces ISSN 2179-0027 Vol. 9 n. 2 (jul/ago/set 2018) 161 N° DOI: 10.5935/2179-0027.20180029. Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b, p. 251-263.

FOUCAULT, Michel. **Introdução à vida não-fascista**. Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do nascimento. Disponível: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>. Acesso 12/09/2020.

GALLO, Sílvio. **As múltiplas dimensões do aprender. Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo**. Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 07/02/2012. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf. Acesso em: 05 de Junho de 2020.

GIVANNI, Julia Ruiz Di. **Arte de abrir espaço**: apontamentos para a análise de prática em transito entre a arte e o ativismo. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 4, nº 2/2015, pag. 13-27. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/911>. Acesso: 29/09/2020.

PAULA, Daniela; GARCIA, Wilton. Comunicação, consumo e imagem no Instagram: estudos contemporâneos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI, Londrina, PR, 24 e 25 de novembro de 2014. **Anais**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/COMUNICACAO%20%20CONSUMO%20E%20IMAGEM%20NO%20I.pdf>. Acesso em: 6 de Junho de 2020.

TOLEDO, Karina. **Mais da metade dos adultos está no grupo de risco da Covid-19 no Brasil**. Revista Galileu, São Paulo, 11/05/2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/05/mais-da-metade-dosadultos-esta-no-grupo-de-risco-da-covid-19-no-brasil.html>. Acesso em: 05 de Junho de 2020.

TRÓI, Marcelo; COLLING, Leandro. Decolonizar o corpo: o Teat(r)o Oficina e a Universidade Antropófaga. In: **Urdimento**. v.1, n. 28, Julho 2017. pp. 108-124.

ROLNIK, Suely. **“O mal-estar na diferença”**, Anuário Brasileiro de Psicanálise no 3: 97-103. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995.

ROLNIK, Suely. A vida na berlinda: Como a mídia aterroriza com o jogo entre subjetividade lixo e subjetividade-luxo. **Revista Trópico**, São Paulo, 2007.

Recebido em 21 de junho de 2020

Aprovado em 30 de setembro de 2020